DISCENTE: ISIS SILVA

**Práticas Mágicas e Feitiçaria na Colônia**

A instalação da Inquisição na Península Ibérica se deu no final da década de 1470, por um pedido dos reis católicos na tentativa de suprimir os avanços dos hereges. A criação da Santa Inquisição em Portugal, em 1536, dá início a um processo de imposição dos dogmas cristãos dentro do território português. Após 1497, os Decretos Manuelinos que impuseram a conversão dos judeus ao catolicismo, as Visitações se tronaram o meio mais eficaz de fiscalizar os cristãos-novos na colônia. No Brasil, não houve um tribunal Inquisitorial, houve apenas visitações. O tribunal Lisboeta, responsável pela fiscalização nas colônias, chegou em 1591 na Bahia, com a vinda do Licenciado Heitor Furtado de Mendonça, o responsável pela visitação no século XVI.

A Santa Inquisição foi um agente implacável de fiscalização e punição dos indivíduos. Cada gesto, atitude, comportamento ou linguagem que destoasse da ordem que vigorava na época era passível de punição severa. O Santo Ofício funcionava através da denúncia. No entanto, a veracidade da denúncia não era atestada, o importante seria que o indivíduo se sentisse amedrontado, transformando a coação psicológica no seu maior instrumento de luta contra os hereges e os apostatas; ir contra a “ortodoxia imposta pelo Papado e pelo Estado significava uma condenação a *priori* que aterrorizava a todos, mesmo aos mais sinceros cristãos” (RIBEIRO, 2010).

A cultura popular da colônia sofreu grandes perseguições da Inquisição. A diferenciação entre “cultura erudita” (VAINFAS, 1988) e cultura popular não interfere na mobilidade dos simbolismos que existem em cada uma. A religiosidade popular estava atrelada a vida dos indivíduos da época; era ela uma “válvula de escape”, na maioria dos casos, nos momentos que os dogmas da Igreja não os satisfaziam. Porém cultura não se resume a isso, ela é mais que uma “fuga”, ela é o modo como os indivíduos vivem, o que os caracteriza e como encaram o mundo ao seu redor. Pensar na cultura de um povo estagnada e que não se modifica é aceitar que os grupos sociais vivem isolados, mas não é dessa forma que as coisas acontecem. Cada cultura tem “sua própria verdade”, e ela se mescla com outras, formando uma nova verdade. “A diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidades de vida social organizada e registra graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza.” (SANTOS, p. 13)

Mas antes de compreender ou pensar na religiosidade da colônia temos que conhecer o contexto político e econômico que a sociedade estava inserida. No alvorecer da Idade Moderna Portugal e Espanha estavam passando pelo processo de unificação, mas para isso, batalhas foram travadas em toda a Península Ibérica para a expulsão dos mouros e a preservação das “raças”, já que havia grande miscigenação e mistura de costumes e religião e, segundo os monarcas da época essa mistura não beneficiaria o reino (RIBEIRO, 2010). A tentativa de manter o sangue “limpo” e a imposição da conversão de mouros e judeus ao cristianismo gerou tensões e conflitos tanto na capital como na colônia portuguesa. Enviados ao Brasil os agora cristãos-novos, alguns na condição de degredados, continuaram sendo perseguidos pela parcela da população fiel ao catolicismo e pelas autoridades. A utilização de práticas mágicas para encontrar tesouros se tornou freqüente em Portugal e na Colônia, no entanto, a Coroa Portuguesa não aceitava tal prática, pois os lucros e rendimentos de todo o reino deveriam estar sobre o domínio da Coroa. Com a primeira visitação do Santo ofício em 1591 e a segunda visitação em 1618, na Bahia, não foram apenas os ex-judeus a serem interrogados pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça, nas confissões aparecem também casos de sodomia, poligamia, bruxaria, heresias, entre outros.

A religiosidade na colônia deve ser considerada como um marco na História brasileira, e umas das responsáveis pela construção da identidade atual do brasileiro. Ao colocar em um mesmo território indivíduos de diferentes etnias e culturas, Portugal deu partida ao processo de miscigenação da população brasileira. Ao longo dos séculos essa religiosidade foi se formando e mantendo, em sua constituição, traços fortes das religiões indígenas e de matriz africana. Falar sobre religiosidade é falar sobre algo que está sempre se modificando e modificando a sociedade, mas apenas a nível local, pois cada localidade tem sua religiosidade específica.

Os simbolismos da religiosidade popular foram alvo de grandes perseguições tanto pelo Tribunal do Santo Ofício como pelas próprias autoridades do reino. São os simbolismos responsáveis por determinar na cultura popular os “caminhos a serem seguidos”. Para Mircea Eliade, os símbolos estão presentes na vida dos indivíduos desde a infância e estes, determinam algumas de nossas características e relações com o meio.

Com a chegada da inquisição deu-se inicio as perseguições aos praticantes de adivinhações, bruxaria e outros tipos de heresia. “Os portugueses chegaram ao Brasil num momento em que a presença de Satã entre os homens era especialmente marcante” (SOUZA, 1986). “Satã” era o responsável pelas adivinhações, magias e bruxarias, mas mesmo assim, nem os religiosos deixaram de recorrer a esses sortilégios na tentativa de desvendar mistérios ou ajudar a si mesmo.

O sincretismo entre religião e folclore foi tão intenso que se tornou comum o uso de orações que envolviam o diabo e os santos. “Trata-se portanto de manifestações mais influenciadas pela religião folclorizada do que pela magia ritual” (SOUZA, 1986) Porém, não era somente a cultura popular que estava impregnada de simbolismo, o catolicismo colocou simbolismos em todos os seus rituais ao absorver os costumes e festejos das religiões pagãs, com a intenção de atrair mais adeptos para o catolicismo.

“Dessa forma, o seio da Igreja Católica estava cheio de talismãs, rosários e amuletos eclesiásticos usados para fins milagrosos, destinados a dar proteção numa ampla variedade de contextos. (FILHO, 2008, p. 2)

O antigo culto às fontes, árvores e pedras não foi abolido, mas modificado, associando um santo a uma divindade pagã e incorporando as festas pagãs no ano eclesiástico.” (FILHO, 2008, p. 3)

O recorte temático desta pesquisa parte da religiosidade popular e dos casos de feitiçaria processados pela Inquisição. O propósito aqui é identificar como a mentalidade dos indivíduos, condicionada pela cultura popular, influenciou e determinou práticas mágicas e de feitiçaria e como elas foram relevantes na luta pela sobrevivência na colônia. Nesse processo, é impossível não se ater aos simbolismos criados pela própria Igreja Católica e a miscigenação das culturas dos povos residentes aqui no período colonial.

Os sujeitos deste trabalho serão as mulheres não importa se na condição de livres, libertas, escravas ou degredadas. Para isso, é importante avaliar a documentação com certo rigor metodológico levando em consideração o momento em que foi escrito, no caso o período colonial, e com qual finalidade foi escrito, pois se observa uma padronização em certas partes da documentação inquisitorial. É essencial distinguir a visão do inquisidor e do inquirido. Porém, há um terceiro sujeito que deve ser levado em consideração, o notário. É o notário quem relata todo o processo, é a sua letra que está na documentação e, portanto, ele imprime ali sua subjetividade. Por isso, a documentação deve ser lida em busca das pequenas evidências. Mas o que nós não podemos deixar de considerar são os exageros inseridos nas confissões e que, com toda certeza são determinantes na análise documental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ELIADE, Mircea. **Imagens e Simbolismos.** Lisboa: Arcádia. 1979

FILHO, Luciano Bezerra Agra. **Religião e Magia na Idade Moderna no Campo Historiográfico.** História, imagem e narrativas. N° 6, ano 3, abril/2008.

MONTEIRO, Lucas Maximiliano. **O Livro das Confissões da Bahia e suas possibilidades de pesquisa: uma análise das narrativas dos cristãos-novos (1591-1592).** Vestígios do passado: A história e suas fontes.

RIBEIRO, Benair Alcaraz Fernandes. **Simbologias de um Poder: Arte e Inquisição na Península Ibérica.** São Paulo: Annablume, 2010.

SANTOS, José Luiz dos. **Coleção Primeiros Passos: O que é Cultura**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense.

SOUZA, Laura de Mello. **Sobrevivência Material**. In: O diabo e a Terra de Vera Cruz. 2ª Ed. Companhia das Letras, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. **A Problemática das Mentalidades e a Inquisição no Brasil Colonial.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, 1988. P. 167-173.